

UM BRASILEIRO DE ALMEIDA

Enquanto suas músicas são tocadas diariamente em todo o mundo, Antônio Carlos Jobim permanece fiel aos mesmos bares e aos mesmos amigos, com uma assiduidade de um bom funcionário público. Apontado por críticos e músicos como o mais importante compositor brasileiro, ele acaba de fazer uma música que talvez seja a sua obra-prima: chama-se "Masita Pereira", o mesmo nome de um pássaro do nosso sertão. Afinal, além de Jobim, Antônio Carlos é também Brasileiro de Almeida.

TEXTO DE SÉRGIO CABRAL
FOTOS DE ARMANDO ROSÁRIO



Trancou-se no quarto com o piano e virou músico

Numa pequena e velha casa do subúrbio carioca de Ramos, o conjunto A Corja ensaiava um arranjo especial de *Água de Menis*, de Antônio Carlos Jobim. Em Londres, o ator Peter Sellers afirma que seu sonho é que sua arte correspondesse ao que Tom Jobim faz na música. Em Nova York, o multi-talento Milton Okun e o jornalista Tom Wicker, do *The New York Times*, apontam *Garota de Ipanema* e *Corcovado*, ambas de Tom, "entre as obras mais significativas, política, social, histórica e musicalmente, da década de 60".

Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim, discreto torcedor do C. R. Vasco da Gama, está sentado no bar Veloso em Ipanema, reagindo contra a idéia de se fazer uma reportagem com ele.

— Não sei se você sabe, antigamente havia uma praia aqui em Ipanema e Leblon.

Quando não está em casa, sentado no piano, Tom está no Veloso (onde toma chope) ou no Antonio's (onde toma uísque) falando de problemas ecológicos, da industrialização que o apavora ou da massificação.

— Quem sou eu diante do gigante da General Motors? Como vou falar de Volkswagen, se o que interessa é a Volkswagen?

Conclusão: Tom agora está gerenciando suas preocupações ecológicas com o seu talento de criador. Nas letras de suas músicas, ele evoca o paisagem do sítio de sua mãe em Teresópolis, onde passa todos os fins de semana. Acaba de comprar *Manita Pereira*, uma música com pros de passarinhos, que poderá ser considerada a sua obra-prima. A letra também é sua, com alguma ajuda de Paulo César Pinheiro.

"Nos jardins das rosas

*De sardões e melo,
Fleitas cantoras de asplino e flores.
Lá quero ver você, atêni, plân,
Você me pagar!"*

Sua casa no Leblon (Teresa, a mulher; Beth, a filha, Paulinho, o filho, acede de casar com Eliana). O Veloso, o Antonio's, o sítio em Teresópolis, o chope, o uísque, os amigos, a psicanalista, dr. Catarina — o mundo de Tom Jobim. Nada mais rotineiro: na tarde de segunda-feira, está chegando de Teresópolis e desembarca no Veloso (que mudou o nome para Garota de Ipanema mas todos só o chamam pelo antigo nome). Senta numa mesa com Dico, Athayde e Ronilguato, e lá permanece até 9, 9 e meia da noite. Depois, pega o seu Dodge Dart branco e vai parar no Antonio's, onde se encontra com o cronista José Carlos de Oliveira e quem mais



Antes do primeiro uísque — que ele bebe fechando o nariz —.

Tom trabalha em sua casa com Dori Caymmi e com seus filhos Paulinho e Beth. Poucos dias depois desta foto, Paulinho casou-se e Tom chorou. Agora, vive pensando na perspectiva de ser avô (notícia já confirmada por Paulinho) e no casamento, mais cedo ou mais tarde, de Beth. "Eu e Teresa vamos ficar sozinho nesta casa", diz com certa tristeza.



aparecer. Meia-noite, uma hora, pode ir para sua casa ou para a casa de algum amigo. Se acontecer a segunda hipótese, dá uma passada no Zepelin, às 4 da manhã, para tomar o penúltimo chope e irme até meio-dia, 1 hora, deixando de fazer o que gosta muito, que é comprar o pão às 6 da manhã. Uma e meia da tarde, aparece Dori Caymmi para estudar e ensaiar com Tom Jobim os arranjos do seu próximo long-play, o primeiro que Tom grava no Brasil. Trabalharam até 5, 6 horas, quando Tom vai para o Veloso, de lá para o Antonio's e de lá para onde Deus quiser. Sexta-feira à tarde, vai para o sítio.

De vez em quando, chega um convite do exterior para um programa de televisão ou para um show e ele dificilmente aceita. Não vai, mas não gosta que sua revista se torne pública; gosta de pensar que está "botando banca". Uma vez, ele disse para José Carlos de Oliveira:

— Como o brasileiro gosta muito de dizer que foi convidado e que não atendeu o convite, eu diria agora que fui convidado para fazer um samba em Tóquio.

O fato é que, agora, ele está pensando em voltar aos Estados Unidos para trabalhar e tratar de assuntos pessoais, inclusive dos seus direitos autorais, que são arrecadados no mundo inteiro (exceto do Brasil) por uma sociedade norte-americana. Já conversou com o consul dos Estados Unidos no Rio de Janeiro sobre a prorrogação do visto do seu passaporte, mas não revê qualquer entusiasmo por mais uma viagem.

— E o avião. Eu só gosto de voar quando ele passa pelo sítio e eu o vejo pelo dorso. Avião pelo dorso é muito mais bonito.

Ele demora, mas acaba viajando. Quando há um compromisso no exterior, são tantos os telefonemas, cartas e telegramas, que não vê outro recurso senão

quebrar a rotina de casa-Veloso-Antonio's — seio o que Deus quiser.

— Eu tenho impressionado de que na vida fui muito empurrado pelos outros, pela própria vida, por precisar viver, precisar pagar o aluguel. Quer dizer: teve muito empurro. Pra entrar no estúdio e fazer o primeiro arranjo, fui pela mão de Raimunda Gratali. De outros, sempre ajudando, dizendo: vai. Eu ficava pálido, livido, sabe? O meu primeiro disco só saiu quando eu tinha 36 anos e estava em Nova York.

Pelo menos para gravar seu próprio disco. Tom está mais desanimado. Já gravou cinco elefantes nos Estados Unidos e está preparando o primeiro a ser feito no Brasil:

*"Madrugada fria de estranho sonho
Acrobata João, cachorro latia,
João abria a porta,
O sonho existia".*

— Tom, e o Frank Sinatra?

— Você também não vai me perguntar isso, vai?

Ele já não aguenta mais falar de Frank Sinatra.

— Eu estava tomando um chinopino no Veloso com o Cabinha, Raymundo Wanderley e o Domingos Charuto, quando seu *Cruzeiro* me chamou: telefonou. Atendi e era o Ray Gilbert, da Califórnia, me perguntando se faria um disco com Frank Sinatra. Eu disse: perfeitamente.

Feito o disco, sucesso mundial. Tom começou a receber as primeiras perguntas de brasileiros residentes nos Estados Unidos. E ele treinava, preparando-se para as perguntas que receberia no Brasil:

— Que tal o Sinatra?

— Um boa praça.

A outra pergunta, também inevitável, era:

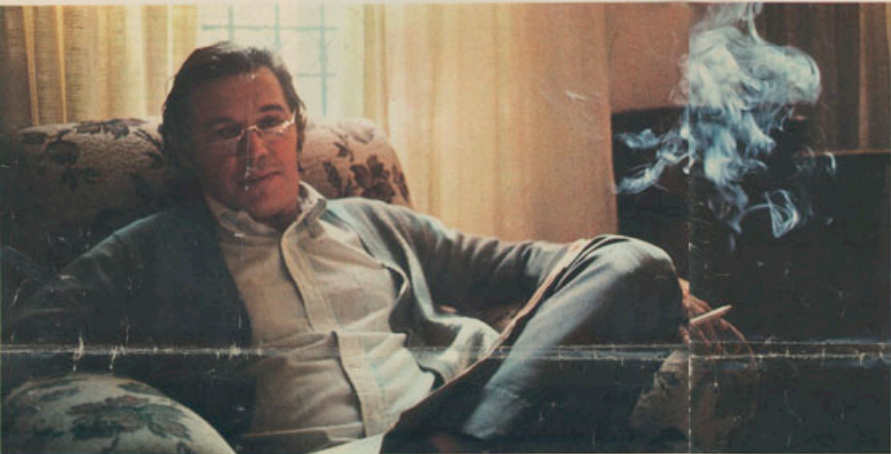
— Ele é mesmo da Mafia?

— Não me informou nada sobre o assunto.

Jobim vem de Jobim Löbari, da Normandia. Parte da família foi para Portugal e lá um lugar ganhou o nome de Santa Maria de Jobim. De Portugal a família Jobim veio para o Rio Grande do Sul. Há deputados e senadores do tempo do império com o sobrenome Jobim. Jorge Jobim — "gácho, poeta, literato, parnasiano" —, o pai de Antônio Carlos, morreu quando ele tinha oito anos. A mãe, a carioca Nízia Brasileira de Almeida, casou-se com Celso Frotz Pessoa, que fez Tom estudar música. Tom nasceu no dia 25 de janeiro de 1927, numa casa da rua Conde de Bonfim, na Tijuca. Com um ano de idade, foi morar em Ipanema.

— Sou do tempo em que ainda se nascia em casa. sever

Quer ver Tom chateado? Fale de dinheiro com ele



Ipanema era um azeite cheio de pianistas e cantadas. A lagarta Rodrigo de Freitas tinha águas azuis, peixes e camarões. Tom estudou nos colégios Mello e Souza, Marlet Soares, Andrews, Jurana, Rio de Janeiro e Paula Freitas. Já tocava piano, mas só para consumo próprio, quando começou a estudar arquitetura. Música era religião de mulher, de homem fresco, nunca para ele que queria se forjar como qualquer homem. E não só começou a estudar como la todos os dias ao escritório do arquiteto Jorge Moreira trabalhar. Mas ainda estava no primeiro ano quando começou a mudar de quântica a ressonância de sua carreira. E pensou em estudar mais música, dedicar-se mais ao piano.

— Ai eu via que não era nada daquilo que eu queria. Quer dizer, na minha visão do mundo, eu via competição, eu via essa coisa de você ter que ser mais esperto do que o outro. Estava vendo

tudo muito chato. Então, eu fiquei muito desente. Tinha fôlego todos os dias. Emagreci 12 quilos e todo mundo pensou que fosse morrer, me mandaram para os médicos, fizeram aqueles exames todos. Fobos emagrece, não é? Ai, me tranquei naquele quarto escuro com o piano. Achei a música muito mais bonita do que aquele outro negócio. Eu não quero confusão.

E Tom adotou a música daí em diante até hoje, o momento do seu Matita Pereira:

*“Que João fazisse, que João partisse,
Que João existisse de mundo
De nem Deus achar
Olê, olê”.*

Qualquer pessoa razoavelmente informada sabe que se Antônio Carlos Jobim quisesse viver em Nova York seria, por suas condições, um milionário.

— Sou aquele cara que já nasceu pra botar o pijama e sentar na cadeira de vime, ficar balançando e vendo as pessoas passar.

Não foram apenas shows e programas de televisão que ele recusou nos Estados Unidos. Não aceitou, por exemplo, fazer música de filmes como *Tom for the Road* e *A Plantas Car de Rosa*, grandes êxitos de bilheteria, mas aceitou musicar um outro filme sem a menor possibilidade de sucesso comercial, *Corfey*, dirigido pelo inglês Louis Gilbert.

— Eu estava nos Estados Unidos, vinha para o Brasil, e encontrei aquele inglês educado, minhoto, que me disse: vamos fazer um filme. Já estava na minha vizinhança novamente no Brasil quando ele telefonou: está na hora do filme, venha para Londres. É de fato foi muito bom trabalhar lá. Pude levar minha mulher e meus filhos, trabalhei com Eunice Deodato, que gosto muito.

Foi tudo ótimo, porque eu estava com 42 anos e nunca tinha ido à Europa.

Numa entrevista, há três anos, perguntou a Tom Jobim se era verdade que ele ganhara mais de 500 000 dólares com *Garota de Ipanema*. Resposta: “Se fosse verdade, não estaria aqui falando com você”. Tom se irrita com a minha pergunta e se irrita sempre que lhe perguntam pelo que ganhou com a música.

— Eu desco no Galvão e lá está aquele reporter com cara de sono, me perguntando: quantos dólares? Eu não quero ficar rico. Se quisesse, la ser editor nos Estados Unidos, estaria música brasileira, iria explorar o homem, la ficar rico mesmo. Se gostasse de dinheiro, não moraria mais no Rio de Janeiro, iria para um lugar qualquer chamado civilizado. Não me incomodo com dinheiro: só quero sustentar minha família. Sou um homem de hábitos simples.



Ele próprio se diz um homem de hábitos simples. No bar, canta com Luiz Carlos e Athayde, integrantes do conjunto 004. E tem os seus ídolos, aos quais não teme declarar amor. Seus amigos contam que, de pleque, saiu do bar onde estava bebendo para beijar os pés de um homem. Era Carlos Drummond de Andrade.

— A gente tinha que procurar música de Villa-Lobos na Embaixada da França. Era muito mais fácil conseguir músicas de Beethoven, Chopin, Debussy, Bach, Brahms e Ravel. Eu sou do tempo do '94", na primeira mulher branca, eu peguei uma doença que levei dois anos para curar e quase morri. Não da doença, mas da cura. A gente levava aquela injeção que dava vontade de vomitar a alma. Era religião pra ver que se movia pra mim, da ultra ao do mercê, do anônimo e do bismuto.

*“E manô rebolando de pedras altas
Cruzei fronteira de sanidade
Olê, quer ver você me pagar
Olê, olê”.*

Carlos Drummond de Andrade, Pixinguinha, Villa-Lobos, Guimarães Rosa, Adilson, Eulides de Cunha — eis os “maiores” de Antônio Carlos Jobim. — Eu respeito muito os meus “maiores”.

E ele os cita toda hora. Com os que conheceu em vida, ficou sempre que pôde. E não perde o contato com Drummond e Pixinguinha. Com Villa-Lobos esteve três vezes, todas elas levando pelo maestro Leo Peracchi, seu professor. E recorda-se da primeira vez, quando entrou naquele apartamento da rua Araújo Porto Alegre, no centro da cidade do Rio de Janeiro. O edifício em que morava era ocupado praticamente só por escultores. De maneira que, à noite, podia fazer barulho sem preocupação de incomodar os vizinhos.

E Tom chegou pela primeira vez num dia de festa.

— Nunca sala tocavam piano, vizinho. Um gravador estereofônico transmissia a todo volume uma sinfonia do postipio. ▼

E chega ao fim da corrida de João. A morte o parou

Villa. Gente conversando, aquele vozeiro, algumas pessoas falando francês e Villa-Lobos sentado numa mesa escrevendo com pena de pato (era pena de pato mesmo; aquela que se molhava na tinta) uma partitura que ia desde o flautim ao contrabaixo. E Leo querendo me apresentar ao homem. Até que cheguei perto dele e perguntei: "Maestro, esse barulho todo não o incomoda?" e ele me respondeu: "Menino, o ouvido de fora nada tem a ver com o ouvido de dentro".

Outro caso que ele gosta de contar de Villa-Lobos ocorreu nos Estados Unidos, quando lá estavam o Bando da Lua e Cármen Miranda. Aloísio de Oliveira, então integrante do Bando, procurou Villa-Lobos e o convidou para conhecer pessoalmente Cármen Miranda. Resposta:

— Menino, eu não estou mais em idade de conhecer ninguém.

*"E por maus caminhos de toda sorte
Buscando a vida, encontrando a morte,
Pela meia rosa do quadrante norte,
João, João."*

Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim gosta muito de falar de Ari Barroso. Num dos seus discos gravados nos Estados Unidos, incluiu a *Aquarela do Brasil*.

— Uma vez, eu estava na Califórnia e fui cortar o cabelo num italiano. Aí, o barbeiro me disse que cortou o cabelo de Ari Barroso. E eu fiquei imaginando achando engraçado o Ari sentado naquela cadeira, lá na Califórnia, cortando o cabelo.

E Vinicius de Moraes? Há quem diga que a dupla foi desfeita porque Tom ficou com ciúmes das parcerias do poeta com Carlos Lyra, Baden Powell, Edu Lobo, etc. Mas Tom diz que, absolutamente, não houve nada disso, o problema é que Vinicius viaja muito.

— Qualquer dificuldade, o Vinicius procura duas pessoas: eu ou o Rubem Braga. Até que emprestei dinheiro a ele. Mas ele pagou.

Tom trabalhou muito tempo em boates como pianista, numa época em que "corria atrás do aluguel". Nos primeiros anos da década de 50, lá estava ele trabalhando em casas noturnas e compondo as suas primeiras músicas. Em 1954, quando obteve um emprego na Gravadora Continental (inicialmente escrevia as músicas dos compositores. Depois, começou a fazer arranjos), gravou a sua primeira música: *Faz uma Semana*, letra de Juca Stockler, gravação de Ernani Filho. E continuava trabalhando à noite como pianista. Quando era pianista do Clube da Chave, um clube

fechado dos boêmios cariocas, viu Vinicius pela primeira vez. Os dois chegaram a participar da mesma mesa de bar umas três vezes, mas não chegaram a ficar amigos.

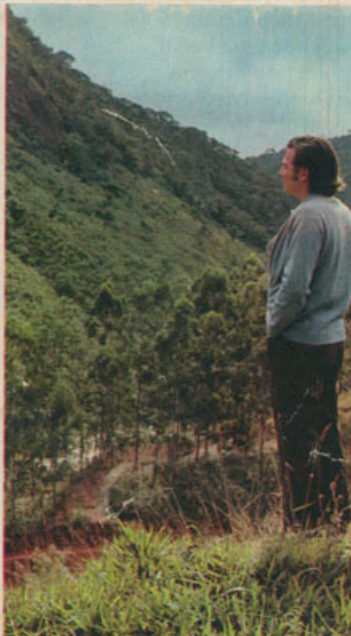
*"Um tal de Chico chamado Antônio,
Num cavalo baio que era burro velho,
Que na barra fria já cruzado o rio,
Lá vinha Matias, cujo nome é Pedro,
Aliás, Horácio vulgo Simão,
Há um chamado Tião, chamado João."*

— Eu saía da Continental com aquela pasta cheia de arranjos e tinha que dar uma passada no Vilarinho para tomar um uísque.

Vinicius de Moraes vinha do Itamarati, Tom, da Continental, e sentavam-se na "mesa grande" do Vilarinho com Paulinho Soledade, Paulo Mendes Campos, Haroldo Barbosa, Lúcio Rangel, Fernando Sabino, Sérgio Porto, Fernando Lobo e Hélio Pelegrino. Num desses dias, Lúcio Rangel perguntou a Vinicius:

— Você não está procurando um cara para fazer a música do *Orfeu da Conceição*? Ei-lo.

E apontou para Tom Jobim. E nasceu a parceria que começou com o *Orfeu* (peça e filme) e iria revolucionar, com



Homem da serra e do mar, Tom tinha um grande orgulho: o de ter inventado um tipo de pesca com anzol pendurado numa pipa (papagaio). Depois soube que não era novidade.

João Gilberto, a música popular brasileira, através da bossa-nova.

*"Recebendo aviso entortou caminho
De Nor-Nordeste para Norte-Norte
No meio da vida de adiadas mortes
Um estranho chamado João
No clarão das águas, no deserto negro,
A perder mais nada, corajoso medo.
Lá eu quero ver você, Olerê, Olará."*

Dois parceiros anteciparam Vinicius: Billy Blanco e Newton Mendonça. Com o primeiro, Tom havia feito, entre outras coisas, o samba *Terresa da Praia*, gravado por Dick Farney e Lúcio Alves, e a *Sinfonia do Rio de Janeiro*, uma série de sambas englobados em três temas: a montanha, o sol e o mar. Newton Mendonça, seu amigo de infância de Ipanema, pianista, tocador de gaita, boêmio, foi seu parceiro em *Brigas*, *Meditação*, *Foi a Noite*, *Desafinado* e *Samba de uma Nota Só*. Newton morreu de enfarte em 1960, aos 33 anos.

*"Por sete caminhos de setenta sortes,
Setecentas vidas e sete mil mortes,
Esse era João, João,
E deu dia claro e deu noite escura,
E deu meia-noite no coração.
Olerê quero ver."*

Tom está no violão, Dori Caymmi no piano, Paulinho Jobim na flauta. Tocam as músicas do próximo disco que apresentará *Matita Pereira* como carro-chefe. Ainda falta a letra de *Ana Luísa*, mas a de *Matita* está pronta. *Matita Pereira* é um pássaro do sertão brasileiro com nome que varia de região para região: é saci, sem-fim, peitica, matita-pererê, matim-perereira, piririguá, fenfém, peixe-frito, peito-ferido, tempo-quente e mais uma variedade enorme de nomes. Antônio Carlos Jobim não esconde: o mundo desta música é o de Guimarães Rosa e um dos seus versos é de Carlos Drummond de Andrade ("Um estranho chamado João"). Tom telefonou e disse ao poeta, que respondeu: "À vontade, Tom". Ele passa para o piano e canta, marcando cada estância com duas notas que dão o som do piado do pássaro. E me surpreende emocionado ouvindo o final de *Matita Pereira*:

*"Passa sete serras, passa cana brava,
No brejo das almas tudo terminava
No caminho velho onde a lama trava
Lá, no todo fim é bom,
Se acabou João.
No jardim das rosas de sonho e medo
No clarão das águas no deserto negro
Lá quero ver você Olerê Olará
Você me pegar"*

FIM